

## “Primavera de Poetas”. Versos portugueses no encontro de poesia contemporânea hispano-portuguesa

**SUSANA ROCHA DA SILVA**

Università degli Studi di Milano

[susana.rocha@guest.unimi.it](mailto:susana.rocha@guest.unimi.it)

Na sua terceira edição (em 2017), o encontro *Primavera de Poetas* celebrou o Dia Mundial da Poesia da Unesco –o dia 21 de março– com um programa dedicado à poesia contemporânea hispano-portuguesa. Realizada na Università degli Studi de Milão, esta é uma iniciativa da Sezione di Iberistica do Dipartimento di Lingue e Letterature Straniere, com a organização e orientação científica do Professor Danilo Manera, docente de Literatura contemporânea espanhola e cultura espanhola e, a partir da edição de 2017, do Professor Vincenzo Russo, docente de Literatura portuguesa e brasileira e Literaturas africanas de língua portuguesa. Conta ainda com a colaboração a Università degli Studi di Bergamo, com o Instituto Cervantes de Milão e com o Camões - Instituto da Cooperação e da Língua.

Pela primeira vez, o diálogo poético promovido pelo encontro assumiu uma dimensão ibérica. Ao universo poético de língua espanhola, cerne da iniciativa desde o seu nascimento em 2014, associou-se uma presença portuguesa. O numeroso público universitário italiano pôde assim explorar dois mundos linguísticos, em plena sintonia com os objetivos do Dia Mundial da Poesia e o espírito que anima a iniciativa desde o seu nascimento: a promoção do «diálogo entre culturas», da «diversidade linguística através da expressão poética», do «ensino da poesia» e da «tradição oral dos recitais poéticos».

No painel de poetas hispano-portugueses, a poesia portuguesa foi celebrada por Pedro Mexia, Jorge Reis-Sá e Golgona Anghel que, com Rosa Silverio, Sandra Lorenzano e Alicia Llarena, deram ao público a oportunidade de os escutar e de conhecer ou visitar a sua poesia numa manhã dedicada às *Leituras Poéticas*.

Além de ouvir os poemas na voz dos próprios poetas, os estudantes universitários, e em particular, estudantes de Lingue e Letterature Straniere, pôde também ouvir algumas propostas de tradução para a língua italiana, realizadas pelas estudantes de Teoria e Tecnica della Traduzione Spagnola com a participação de Marina Bianchi e pelas estudantes de Letteratura Portoghese<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> A seleção de poesias e suas traduções ouvidas na sessão *Leituras Poéticas* não serão, aqui, enunciadas, mas encontram-se reunidas na secção: *Poeti Portoghesi*.

Por óbvios motivos, concentramo-nos aqui nas contribuições em língua portuguesa, com o objetivo de fazer assentar as muitas ideias, pistas e impressões partilhadas nos dois dias do encontro.

Os primeiros poemas portugueses ouvidos foram os do poeta Pedro Mexia, apresentado ao público por Marianna Scaramucci, tradutora e doutoranda em Studi Linguistici, Letterari e Interculturali na Università degli Studi de Milão. Pedro Mexia, é, além de poeta, crítico literário, cronista, blogger. O seu empenhamento intelectual move-se pelos mais variados campos da cultura, primeiros entre todos, a literatura e a poesia. Os seus primeiros poemas publicados são de 1996, e entre as suas últimas publicações estão *Uma Vez Que Tudo se Perdeu* (2015), e as duas antologias, *Menos por menos* (2011) e *Contra-tempo - poemas escolhidos* (2016) publicadas respetivamente, em Portugal e no Brasil. É autor de teatro, tradutor e coordenador da coleção de poesia das Edições Tinta-da-China; e exerce desde 2016 funções de consultor cultural do Presidente da República.

Nas palavras de Marianna Scaramucci, «nelle sue poesie troviamo la desolante vita urbana di Lisbona; la disillusione graffiante nei confronti dell'amore; la delicatezza di una profonda contemplatività; il verso conciso, puntuale, che penetra in profondità i paradossi dell'esistere; il naturale scetticismo, quel pessimismo come dottrina infallibile che l'autore si auto-riconosce; il trattamento di temi intimi, che conserva però quella distanza che la sua innata riservatezza richiede.» Senão, veja-se «Vamos morrer» (*Senhor Fantasma*, 2007), escutado, no encontro, pela voz de Jorge Reis-Sá:

Vamos morrer, mas somos sensatos,  
e à noite, debaixo da cama,  
deixamos, simétricos e exactos,  
o medo e os sapatos.

Golgoná Anghel, romena de nascimento, radicada em Portugal «onde estabeleceu residência e língua», recitou uma seleção de poemas do livro *Vim porque me pagavam* (2011). Investigadora de literatura portuguesa contemporânea, é autora de ensaios, biógrafa de Al Berto (*Eis-me acordado muito tempo depois de mim, uma biografia de Al Berto*, 2006) e tem a sua última poesia publicada em *Nadar na Piscina dos Pequenos* (2017).

Na sua poesia «carnívora», anunciada no título *Como uma flor de plástico na montra de um talho* (2013), a poeta «recupera, atualizando-a, uma memória irónica do surrealismo»<sup>2</sup>. Definida ironicamente como «pós-apocalíptica», por Vincenzo Russo, dela se tem dito também ser «de rutura», «sem falsas ilusões e redensões» e com um «humor cáustico» e «avesso a qualquer tipo de sentimentalismo». Embora não tenha estado entre os poemas selecionados para leitura, lembramos apenas o primeiro verso do poema com o mesmo título, de *Como uma flor de plástico na montra de um talho* (2013):

Tudo o que não é literatura aborrece-me [...]

Jorge Reis-Sá é escritor de prosa e poesia, editor e consultor editorial, cronista; organizou diversas antologias, colabora frequentemente com a imprensa, foi fundador e editor das *Quasi Edições* e é atualmente editor na *Babel*. A sua poesia foi reunida em 2013 em *Instituto de Antropologia - Todos os Poemas*, e em 2015 publicou o romance *Definição do*

---

<sup>2</sup> Palavras roubadas ao jornalista Carlos Vaz Marques, na emissão radiofónica *O Livro do Dia*, TSF, <https://www.tsf.pt> (consultada a 27/07/2017).

Amor; é o próprio a definir a sua poesia como «muito narrativa» e sua prosa como «muito poética»<sup>3</sup>.

O poeta foi apresentado por Elisa Alberani, docente de Língua e Literatura Portuguesa Università degli Studi de Milão e tradutora, que sublinhou a importância da obra *Poemas Portugueses, Antologia de Poesia Portuguesa do Séc. XIII ao Séc. XXI* (2009), coorganizada por Jorge Reis-Sá e Rui Lage. Trata-se da mais extensa antologia de poesia portuguesa jamais publicada. Nas palavras de Vasco Graça Moura, que a prefacia, é uma obra baseada num «grande conhecimento da literatura portuguesa e em opções de gosto seguras», e um excelente instrumento, portanto, para os alunos de Língua e Literatura Portuguesas.

O seu verso de eleição, de *Vou para casa* (2008), é:

Vou para casa esquecer que parti.

O encontro prosseguiu com a sessão *Clássicos por minutos*, leitura comentada de clássicos escolhidos pelos poetas. Como seria referido por Danilo Manera mais tarde, na abertura da mesa redonda que se seguiu às leituras, foi interessante verificar como se transformou a ideia de *clássico* ao longo das três edições do encontro *Primavera de Poetas*; de como o século XX e obras de há apenas 20 ou 30 anos podem já ser, hoje, percecionadas como *clássicos*. São, de facto, do século XX, os poemas clássicos escolhidos pelos poetas convidados.

No panorama da poesia portuguesa, como recordou Vincenzo Russo, este chamamento da poesia do século XX é ainda mais natural, se recordarmos o estatuto de «século de ouro da poesia» conferido ao século XX poético português, no qual, «apesar de» Fernando Pessoa, e da sua grandeza ofuscante, «sobrevive» uma constelação de poetas magníficos. Foi portanto sem surpresa que, entre os clássicos da poesia portuguesa escolhidos, encontrámos três poetas portugueses nascidos na primeira metade do século XX – Vitorino Nemésio, Mário Cesariny, Fernando Assis Pacheco – mas, sobretudo, três poemas publicados num curto espaço temporal, as décadas de 50 e 60. Como sublinhado por Vincenzo Russo, tendo sempre presente o público maioritariamente universitário, importa não esquecer que estes são anos vividos sob o Estado Novo, e de como a poesia portuguesa foi fortemente marcada pela experiência da ditadura.

Pedro Mexia elegeu o poema «Retrato» de Vitorino Nemésio (*Nem Toda a Noite a Vida*, 1952), «poeta que, sem heterónimos, foi o mais plural e variado poeta português do século passado»<sup>4</sup>.

Autor de personalidade plural – veja-se o seu (auto)Retrato – e de múltiplos registos, Vitorino Nemésio foi contista, romancista, crítico, ensaísta, enfim personalidade maior da literatura portuguesa plenamente consagrado. Mas, não obstante, a sua obra está ainda longe de atingir a divulgação nacional e internacional que lhe caberia, como aliás, acontece com muitos outros grandes poetas portugueses, afirmou Pedro Mexia. Foi, assim, com a intenção clara de contribuir para o conhecimento da personalidade e da poesia de Vitorino Nemésio, e de desafiar o público italiano para o seu estudo e tradução, que Pedro Mexia elegeu esta poesia; e é também com esta intenção que nós, aqui, a repropomos:

<sup>3</sup> Em entrevista a Jornalismo Porto Net, consultada em <https://jpn.up.pt/2014/04/16/jorge-reis-sa-ser-poeta-e-como-ser-feliz/> (consultada a 27/07/2017).

<sup>4</sup> Pedro Mexia, «Se bem me lembro», in [http://arlindo-correia.com/vitorino\\_nemesio.html](http://arlindo-correia.com/vitorino_nemesio.html) (consultado em 27/09/2017).

Cruel como os Assírios, / Lânguido como os Persas, / Entre estrelas e círios /  
Cristão só nas conversas. // Árabe no sossego, / Africano no ardor; / No corpo,  
Grego, Grego! / Homem seja onde for. // Romano na ambição, / Oriental no  
ardil, / Latino na paixão, / Europeu por subtil: // Homem sou, homem só /  
(Pascal: «nem anjo nem bruto»): / Cristãmente, do pó / Me levanto impoluto.

Pela voz de Jorge Reis-Sá, o público escutou o poema «A Antonin Artaud» (*Pena Capital*, 1957), do poeta surrealista de peso indiscutível Mário Cesariny.

Por último, Golgona Anghel elegeu «Tentas, de longe» de Fernando Assis Pacheco (*Cuidar dos vivos*, 1963):

Tentas, de longe, dizer que estás aqui. / Com peso triste caminha na rua o Outo-  
tono. / O meu coração debruça-se à janela / a ver pessoas e carros, e as folhas  
caindo. // Mastigo esta solidão / como quando era pequeno e jantava / diante  
dos pais zangados: / devagar, ausente.

Na mesa redonda que se seguiu, *Briciole di Tavola Rotonda sulla Poesia Oggi*, foi discutido o estatuto da poesia em Portugal, refletido na expressão comum «Portugal, país de poetas»; expressão questionável –lembramos o «genérico juízo negativo» de Vítor Aguiar e Silva sobre a poesia portuguesa dos séculos XVII a XIX, contrapostos ao século XX como «século áureo da poesia portuguesa»<sup>5</sup>– mas, por outro lado, plena de sentido na medida em que é, de facto, nas figuras da literatura, mais do que em quaisquer outras, que os portugueses encontram fatores identitários.

Partiu também de Pedro Mexia a reflexão acerca da grande instabilidade do cânone na poesia (e literatura) portuguesa, fruto de «lutas poéticas e políticas». Por fim, o poeta lançou um apelo ao público universitário de leitores, futuros editores e tradutores, para que contribuam para a aproximação da poesia portuguesa e italiana. Dentro do grande tema da relação (ou falta dela) entre a poesia portuguesa e as diferentes poesias e literaturas estrangeiras, Pedro Mexia frisou a atenção (que se faz visível nas traduções, nas citações e epígrafes, por exemplo) que a poesia portuguesa tem recentemente vindo a dedicar à poesia inglesa e americana, um movimento novo face a uma tradição absolutamente francófona e francófila como foi, durante muitos séculos, a portuguesa. Se à poesia espanhola –mais do que à poesia hispânica–, Portugal teve, pelo menos, dois momentos de forte aproximação (geração de 27 e a partir da década de 70), já com a poesia italiana, apesar da muito estudada ligação no Renascimento, as ligações são hoje inexplicavelmente escassas, resultando num fraco conhecimento e diálogo entre as duas tradições poéticas, na consequente (in)disponibilidade das obras no mercado e na escassez de traduções, apesar da evolução positiva que neste campo se tem notado.

A sessão terminou da melhor forma possível, com uma última ronda de *leituras poéticas*. Pedro Mexia recitou «Autoretrato com versos de Camões» (*Menos por Menos – Poemas Escolhidos*, 2011):

Foi-me tão cedo a luz do dia escura  
enquanto me enganava a esperança  
que naquilo em que pus tamanho amor  
errei todo o discurso de meus anos.

<sup>5</sup> Vasco Graça Moura, «Prefácio» de *Poemas Portugueses*, Porto Editora, 2009, p. 8.

De Jorge Reis-Sá, escutou-se «O Quarto da Morta» (*Biologia do Homem*, 2004):

Chamavam-lhe quarto da morta de tão pequeno, só tinha / aquela cama curta e um armário enorme que se impunha / como um fantasma, da morta, lembraste, e agora é a nossa / casa, eles casados e nós juntos, casados também e juntos, / na casa onde morava a Ana e a Xana e que eu visitava / como senhoria, eu que era só colega delas na faculdade, / a estudarmos fotodiversidade e o Cabral com aqueles / óculos colados com fita adesiva, lembraste de te dizer, os / óculos colados e nós estudávamos as bactérias e os fungos, / decerto não era fitodiversidade, era microambiental / [...] lembraste da / felicidade que construímos no nosso quotidiano, tu com / as tuas crianças e eu a estudar, ainda a estudar, escolhi / briófitas e sou feliz no Botânico com os novos amigos que / lá encontrei, e dou aulas onde estudei e a faculdade há-de / ser sempre a minha vida, o Cabral lá anda, a ensinar a outros / microambiental com os mesmos óculos e o mesmo ar sisudo e / eu sou colega dele e cresci. Lembraste, Ivo, de termos crescido?

Golgonia Anghel fechou a sessão com um «respirar fundo» – numa alusão à peça «Un soufflé» de Samuel Beckett – dado proporcionado pelo poema «Não gosto de contar os desastres em detalhe» (*Como uma flor de plástico na montra de um talho*, 2013):

Não gosto de contar os desastres em detalhe / mas, se quiserem, posso escrever uma lista com nomes e camas. // Sou bem capaz de molhar o pezinho na história da barbárie, / condecorar o medo, / cortar-me a mão com que limpo as feridas / de uma civilização em queda. // Posso perfeitamente / ir afiando o gume da esperança / com a flor branca de um cancro. // Sou, em definitivo, este comediante de rua / que serve a desconhecidos, / em copos pequenos, / a medida certa da sua agonia. / Descobre sonhos / onde outros só encontram coelhos. / Hoje por exemplo, quando tirou as luvas, / viu que lhe faltavam dedos.

O primeiro dia do encontro terminou na sede da Fundação *Ambrosianeum*, com a apresentação da primeira antologia editada em língua italiana dedicada ao poeta Barbosa du Bocage intitulado *Bocage. Importuna ragione*, pela editora Lemma Press, com tradução de Ada Milani e curadoria de Vincenzo Russo em colaboração com Daniel Pires. Com a participação de Pedro Mexia, Golgonia Anghel e Jorge Reis-Sá, a lírica de Bocage foi apresentada «tra le note dei suoi giorni», com um prólogo e epílogo musical que incluiu participações de Ludovico Giustini, Domenico Scarlatti, Muzio Clementi e Carlos Seixas.

Com dois programas alternativos, ramo hispânico/ramo português, o segundo da *Primavera de Poetas* na secção portuguesa decorreu sob a forma de aulas magistrais. Nesta sessão, Pedro Mexia, Golgonia Anghel e Jorge Reis-Sá pensaram a poesia portuguesa de formas diferentes mas complementares, já não exclusivamente enquanto poetas, mas também enquanto crítico(s), editor(es) ou ensaísta(s).

Golgonia Anghel apresentou ao público um ensaio académico intitulado «Dissidentes, peregrinos e excursionistas: Passear e pensar»<sup>6</sup>, no qual se propõe estudar a importância do passeio nalguma poesia mais recente, ou «de que modo o passeio se tem tornado contíguo a uma forma de pensamento»<sup>7</sup>. Eis o cerne do ensaio: «Dissidentes à sua maneira, peregrinos in stabilitate, agitadores de sentido, alguns poemas de Joaquim Manuel Ma-

<sup>6</sup> Golgonia Anghel, «Dissidentes, peregrinos e excursionistas: Passear e pensar», in C. Pedrosa & I. Alves (eds.), *Sobre poesia: Outras vozes*, Editora 7Letras, Rio de Janeiro, 2016, pp. 26-35.

<sup>7</sup> *Ivi*, p. 27.

galhões, Pedro Mexia, Rui Pires Cabral, Manuel de Freitas, Nuno Moura e, talvez, muitos outros, activam uma unidade da imagem e da meditação, do movimento e do acto de pensar. Em nome da experiência dos sentidos que é, ao mesmo tempo, experiência de pensar, movidos pela curiosidade ou apenas pelo prazer de vaguear, decididos a transformar em imagem uma relação de vida ou entregues à força centrífuga de quem discursa, estes poetas retomam, transtornam e encenam em palcos diferidos a figura moderna do flâneur»<sup>8</sup>.

Numa sessão densa de referências e intersecções poéticas, os estudantes de língua e literatura portuguesa foram convidados a ler, para a plateia, alguns dos poemas em análise neste ensaio, tornando-a também mais participada e dinâmica.

Enfim, fica a questão: «até que ponto o movimento do texto, que surge como consequência dessa relação interdependente entre passear e pensar, não inventa também um género próprio?»<sup>9</sup>.

Pedro Mexia retomou e desenvolveu o tema do cânone e da tradição poética do séc.XX, como já referido, século de ouro da poesia portuguesa. Num percurso pela poesia deste século, o crítico literário refletiu sobre o diálogo intenso que os poetas portugueses, por estarem inseridos nesta tradição, estabelecem com os seus pares geracionais e com os poetas do cânone, e sobre a responsabilidade, a satisfação, o consolo de, enquanto poetas, terem uma tão rica tradição com a qual se relacionarem. Numa segunda linha de raciocínio, põe na balança a utilidade de pensar a poesia portuguesa por categorias ou por gerações, e a impossibilidade de as delimitar. Relacionada com esta questão, surge ainda a da recuperação ou reivindicação que os poetas fazem da poesia que os precede, que determina – mais do que outros fatores – a forma como os poetas perduram, ou seja, estes perduram quando outros deles se fazem tributários. Dando sempre exemplos concretos, Pedro Mexia oferece uma análise articulada destes temas principais, suficientemente rica para justificar um tratamento mais aprofundado numa outra sede, que não a desta crónica.

A dimensão coletiva e imediata da poesia foi reevocada através da leitura de uma seleção de poemas por Jorge Reis-Sá; poemas frequentemente considerados de menor importância, à margem do cânone, mas aos quais o poeta e editor atribui uma importância fundamental no tecido da poesia portuguesa, e que, por este motivo, a Antologia *Poemas Portugueses*, coeditada por Jorge Reis-Sá e Rui Lage, resgata do esquecimento.

O editor enfatizou a importância da dimensão emocional da poesia – que o guiou também na seleção de poemas que leu – afirmando que a necessária visão racional e analítica que preside ao seu trabalho de editor não substitui o lado emocional, através do qual, enquanto leitor, se aproxima dos poemas, e que os faz “caminhar” consigo quase diariamente. O denominador comum dos poemas que selecionou pode dizer-se, simplesmente, ser um certo «requinte e humor refinado».

Num percurso pela poesia portuguesa à margem do cânone, foram então ouvidos Rui Pires Cabral, em «Passagem de Peões» (*Capitais da Solidão*, 2006): «À vinda do supermercado / diz-me o pequeno monstro / que às vezes me faz companhia: / “E qual é a tua razão de ser?” / Na rua, a tarde rola devagar / entre prédios murchos — e ele / acrescenta: “Não me digas / que são os versos.” / E ri-se.».

De Daniel Maia-Pinto Rodrigues, poeta que «criou na nossa poesia um lugar de estranheza entre a cultura pop de massas e a tradição popular oral»<sup>10</sup> ouviu-se «De certo modo também eu, em tempos/ fui infiel ao Príncipe Charles.» (*O Céu a Seu Dono*, 1997) e dois

<sup>8</sup> Ivi, p. 33.

<sup>9</sup> *Ibidem*.

<sup>10</sup> RL, verbete do poeta Daniel Maia-Pinto Rodrigues, *Poemas Portugueses*, Porto Editora, 2009, p. 2010.

poemas que evocam ligações paternas e amorosas: «O urso grande de peluche/ que dei ao meu filho/ está cada vez mais pequeno.» (*Malva* 62, 2005) e «Ela trincou o rissol/ e não olhou para o interior.// Fiquei a gostar dela por causa disso.» (*Malva* 62, 2005).

Poesia anterior e muito diferente, mas com «dois dos versos mais bonitos da poesia portuguesa», é, segundo Jorge Reis-Sá, o «Amor como em casa» de Manuel António Pina: «Regresso devagar ao teu / sorriso como quem volta a casa. Faço de conta que/ não é nada comigo. Distraído percorro/ o caminho familiar da saudade,/ pequeninas coisas me prendem,/ uma tarde num café, um livro. Devagar/ te amo e às vezes depressa, / meu amor, e às vezes faço coisas que não devo,/ regresso devagar a tua casa, / compro um livro, entro no/ amor como em casa.» (*Ainda não é o Fim nem o Princípio do Mundo Calma é Apenas um Pouco Tarde*, 1974).

António Reis, poeta resgatado do esquecimento pela Antologia *Poemas Portugueses*, cuja poesia se apresenta «sob uma forma contida, discreta, mas atenta, de acordo com o título da sua obra, ao quotidiano, ao que se passa “com naturalidade”, muitas vezes voltando-se, como o poeta diz, “para um espaço interior”»<sup>11</sup>, foi ouvido nos poemas «Sei ao chegar a casa» (*Novos poemas quotidianos*, 1960): «Sei / ao chegar a casa / qual de nós / voltou primeiro do emprego // Tu / se o ar é fresco // eu / se deixo de respirar / subitamente», e «Não é a Tua Mão» (*Novos poemas quotidianos*, 1960): «Não é a tua mão / filha // que eu levo / na minha mão // é uma raiz // que eu planto / em mim mesmo».

A «síntese minimalista» de Jorge de Sousa Braga ficou evidente na leitura de «*Poema de Amor*» (*De manhã vamos todos acordar com uma pérola no cu*, 1981): «Esta noite sonhei oferecer-te o anel de Saturno / e quase ia morrendo com o receio de que não / te coubesse no dedo»; e de «Gerês» (*Os pés luminosos*, 1987): «Quando me levantei / já as minhas sandálias andavam / a passear lá fora na relva // Esta noite / até os atacadores dos sapatos / floriram». Terminamos a nossa crónica com a «abordagem irónica (e passada pelo crivo do surrealismo) da temática dos descobrimentos e da portugalidade»<sup>12</sup> do poema «Portugal» de Jorge de Sousa Braga (*De manhã vamos todos acordar com uma pérola no cu*, 1981), cuja leitura encerrou a viagem poética de Jorge Reis-Sá, e com esta, o encontro de 2017 da “Primavera de Poetas”:

Portugal / Eu tenho vinte e dois anos e tu às vezes fazes-me sentir / como se tivesse oitocentos / Que culpa tive eu que D. Sebastião fosse combater os infiéis ao norte de África / só porque não podia combater a doença que lhe atacava os órgãos genitais / e nunca mais voltasse / Quase chego a pensar que é tudo mentira que o Infante / D. Henrique foi uma invenção do Walt Disney / e o Nuno Álvares Pereira uma releitura do Príncipe Valente / Portugal / Não imaginas o tesão que sinto quando ouço o hino nacional / (que os meus egrégios avós me perdoem) / Ontem estive a jogar póquer com o velho do Restelo / Anda na consulta externa do Júlio de Matos / Deram-lhe uns electrochoques e está a recuperar / aparte o facto de agora me tentar convencer que nos espera um futuro de rosas / [...] Portugal / Sabes de que cor são os meus olhos? / São castanhos como os da minha mãe / Portugal gostava de te beijar muito apaixonadamente / na boca.

<sup>11</sup> FG verbete poeta António Reis, *Poemas Portugueses*, Porto Editora, 2009, p. 1520.

<sup>12</sup> JLBG, verbete do poeta Jorge de Sousa Braga, *Poemas Portugueses*, Porto Editora, 2009, p. 1981.